

Giancarlo de Aguiar  
*Universidade de São Paulo /  
Universidade do Oeste de Santa Catarina*

---



---

Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina- UNOESC. Doutor em Filosofia da Cultura pela Universidade de Lisboa (2016). Mestre em Filosofia da Natureza e do Ambiente pela Universidade de Lisboa (2010). Membro Colaborador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e Pós-Doutorando no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

---

CV: <http://lattes.cnpq.br/4932554514710224>

E-MAIL: [giancarlodeaguiar@gmail.com](mailto:giancarlodeaguiar@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4487-9569>

---

## Arquétipos da Ecologia do Ser

**RESUMO:** O presente artigo trata dos conceitos acerca dos arquétipos enquanto matrizes ou padrões primordiais na aproximação da ecologia do ser, a condição da natureza humana e sua interação com o ambiente e a paisagem. A atuação do humano em diferentes contextos socio-ambientais promove uma temática de reflexão da dimensão entre natureza e cultura. Alguns autores são aqui convocados para uma aproximação hermenêutica, entre eles, Leonardo Boff, Eudoro de Sousa, Gaston Bachelard e Carl Gustav Jung. A possibilidade de articular uma análise dos elementos arquetípicos na psique humana leva a considerar os reinos e elementos que na linguagem em diálogo integra a filosofia, a psicologia e a poética, de experiência humana metafísica

que expressa a função transcendente ao co-criar o novo *Ethos* na ecologia pessoal, social e planetária.

**PALAVRAS-CHAVE:** ARQUÉTIPOS, ECOLOGIA, POÉTICA, FUNÇÃO TRANSCENDENTE, ETHOS.

---

## Archetypes of the Ecology of Being

**ABSTRACT:** This article deals with the concepts about archetypes as primordial matrices or patterns in the approximation of the ecology of being, the condition of human nature and its interaction with the environment and the landscape. The performance of the human in different socio-environmental contexts promotes a theme of reflection on the dimension between nature and culture. Some authors are called here for a hermeneutical approach, among them Leonardo Boff, Eudoro de Sousa, Gaston Bachelard and Carl Gustav Jung. The possibility of articulating an analysis of the archetypal elements in the human psyche leads us to consider the realms and elements that in dialogue

language integrate philosophy, psychology and poetics, of human metaphysical experience that expresses the transcendent function of co-creating the new Ethos in personal, social and planetary ecology.

**KEYWORDS:** ARCHETYPES, ECOLOGY, POETICS, TRANSCENDENT FUNCTION, ETHOS.



# Arquétipos da Ecologia do Ser

---

Giancarlo de Aguiar

Universidade de São Paulo / Universidade do Oeste de Santa Catarina

Tratamos do tema *Arquétipos da Ecologia do Ser* com base nas obras de autores nacionais e internacionais ao tecer o conhecimento da inter-subjetividade humana na sua ecologia profunda. Para dissertar sobre este assunto trazemos alguns importantes nomes que contribuíram muitíssimo com esta área do saber; Leonardo Boff, Eudoro de Sousa, Gaston Bachelard e Carl Gustav Jung. Considerando a categoria de Arquétipos, cuja transliteração da língua grega é *Arkhétypou*, Carl Gustav Jung apresenta como primeiros modelos ou estruturas, *Arché* = Princípio, que nos leva a fazer uma reflexão sobre a arqueologia do corpo-alma, arqueologia esta que desvenda o padrão primordial da natureza humana, a origem que a faz existir, vincular e plasmar na realidade cognoscível. Sabe-se através da Psicologia Analítica que estas formas e padrões arquetípicos da psique precisam de ser nutridos e cultivados com a energia vital para que os mesmos possam ser integrados na consciência.

Entretanto, pode-se afirmar que este processo depende de outra estrutura, a chamada “bússola da psique”, descrita por Jung, estas quatro funções psíquicas (o pensar, o intuir, o sentir, e a sensação/percepção) estão sempre a atuar para que a consciência experiencie

---

*in:* Ethos humano e mundo contemporâneo. Diálogos e estudos.

Organização e Coordenação Sandra Patrício  
Editora Baracoa – 2019

de maneira plena a manifestação “extrínseca” e “intrínseca” do Ser. Mas como compreender a vasta complexidade da consciência humana nos seus diversos estados da alma, se não classificarmos e criarmos correspondências para os seus distintos entendimentos?

As funções psíquicas remodelam-percepcionam e conduzem esses arquétipos repletos de muitíssima carga instintiva, emocional, que, juntamente com símbolos inconscientes, podem ganhar um forte poder de transformação na vida da pessoa humana. É nos bastidores, por detrás das cortinas do teatro da vida, que o grande cenário cênico é criado para ser lançado para o outro lado, é nesta dança de duas realidades que nos aproximamos de uma concepção platônica, pois ‘o mundo das ideias’, e aquilo que está acima desta esfera, isto é, dos elementos transpessoais da consciência da natureza humana, cujo conteúdo é etérico, através da essência subtil, é a quintessência que modela os atributos que serão plasmados na realidade deste mundo cognoscível em seus diferentes ambientes, paisagens e naturezas.

O que distingue, então, figuras arquetípicas “internas”, por exemplo, quando se trata da Natureza da paisagem, de uma árvore, de uma flor, ou ainda, da própria natureza humana, um sábio, das suas próprias presenças visíveis no mundo “exterior”? No inconsciente, no seu estado de ecologia interna, este arquétipo distingue-se pela sua capacidade de integração da personalidade com a natureza, pelo poder de transformação que exerce na natureza humana e, sobretudo, pela sua importância de unificação ao criar uma ponte entre estes dois mundos. Sobre esta relação arquetípica dos elementos da Natureza expressa muito bem o teólogo e filósofo brasileiro Leonardo Boff: “As coisas todas estão em nós como imagens, símbolos e valores. O sol, a água, o caminho, as plantas e os animais vivem em nós como figuras carregadas de emoção e como arquétipos.” (Boff L, 2000, p.37).

Com base na filosofia Pré-Socrática e também em Platão quando se refere à ética e à profundidade da alma, relaciona o *Eros* com a beleza da alma humana, temos acesso a um atributo mais refinado e subtil desta categoria, que se trata de um Amor de natureza etérica. Ao estar de acordo com o facto de a capacidade do ser de bem cuidar e bem viver a presença da essência pura do amor, o *Eros* é o que preenche transversalmente a natureza humana no seu estado das categorias de *Anima e Animus*, com a energia capaz de criar um novo *Ethos*, podendo este ser um estado de consciência e virtude, um corpo ou a casa da morada humana, em termos mais abrangentes o próprio planeta Terra enquanto organismo vivo.

Sendo assim, a qualidade de saber cuidar depende da presença do *Eros*, todavia, se a presença da pessoa humana no seu equilíbrio feminino e masculino não estiver receptiva à sintonia desta presença, de que modo o cuidado poderá estar presente? Não haverá cuidado efectivo, tão pouco duradouro na ausência de *Eros*, pois na ausência do Amor nada se sustenta, lembrando aqui a filosofia de Empédocles que afirmava em sua tese cosmológica ser *Eros* o quinto-elemento primordial que sustenta dos demais. Será impossível criar um *Ethos* verdadeiro com bases éticas sem a presença do espírito de *Eros*, a que podemos chamar ainda de quintessência, a essência que sustém os quatro elementos descritos em *Timeu*, de Platão.

A energia de *Eros* na sua primordial relação de movimento em rito e mito, na dança cósmica emana arquétipos oriundos da *Physis*, Natureza de *Eros* como exalta Eudoro de Sousa: “A dança nasce com o próprio universo; é tão remota como *Eros*, o mais antigo dos deuses”. Sousa E, 2000, p.112).

Encontramos em Leonardo Boff o desenvolvimento do conceito junguiano de arquétipo quando destaca as figuras arquetípicas intimamente ligadas à ecologia humana no que respeita à sua natureza

simbólica e mitológica, que tem ainda uma profunda ligação com a espiritualidade. O padrão arquetípico que é preenchido por energia psíquica estabelece uma interação anímica com a natureza humana e, por esta razão, a pessoa poderá personificar em si mesma a experiência de qualquer elemento, reino ou estado da natureza e com isso ter uma manifestação no seu “interior” ainda maior do que o fenómeno natural propriamente dito na sua forma “exterior”. Leonardo Boff na obra *Ecologia Mundialização e Espiritualidade* revela o seguinte: “O conhecimento não poderá ser apenas científico mas também místico e simbólico. Participando destas várias formas de conhecimento e de realização de si mesmo, o ser humano integra-se no todo, harmoniza-se e transforma-se efectivamente no jardineiro e no sumo-sacerdote da criação.” (Boff L, p. 2000, p.76).

Na tradição xamânica da Sibéria e da Americana do Norte, a figura totémica do animal para os antigos ritos de passagem tinha um poder de ação maior do que o próprio animal em si, dado que o xamã interage com estas duas realidades e estabelece um equilíbrio entre o simbólico e o diabólico. Poderão as funções psíquicas ser condutoras dos elementos essenciais, dos símbolos e figuras do imaginário para uma melhor constituição arquetípica, mitológica e, por fim, chegar a colaborar na prática vivencial da história da pessoa humana?

É de fundamental importância que o Ser humano mantenha uma boa relação e comunicação com esses elementos inconscientes para que atinja o seu processo de individuação e de integração com a natureza de todos os elementos. Quando o eu em sua estrutura egóica começa a percorrer a consciência como um todo, em contacto com aspectos conscientes e inconscientes, este já não é mais o centro, pois abre espaço para o *Selbst*, que é a unidade integradora.

Em termos junguianos, a individuação é a libertação das limitações da identificação com o eu pessoal para a expansão de uma



natureza inconsciente mais vasta, que atinge o desenvolvimento da totalidade, para ‘torna-se si mesmo’ *Verselbstung*. Para Leonardo Boff, os princípios do feminino e do masculino presentes no homem e na mulher são “a natureza de uma realidade ontológica, a categoria que marca esta realidade é a relação, que vem marcada por conflitos, muita opressão, violência, lágrimas e sangue. Mas não somente, também por trocas, enternecimento, amor e fusão bem-aventurada”. (Boff L, Ribeiro L, 2007, p.50).

Com isto aproximamo-nos de uma categoria transpessoal, na medida em que esta identidade pessoal alarga os limites da consciência para que a manifestação da profunda realidade inconsciente se mostre para a integração da sua sexualidade e espiritualidade nos aspectos do *animus e anima* e também do *androgynis* esta última categoria aqui apresentada não foi totalmente desenvolvida na obra de Jung e é retomada mais tarde por Bachelard a partir de uma psicanálise dos elementos da Natureza.

Encontramos em Bachelard a mesma linha da tradição analítica de Carl Gustav Jung com a divisão da tipologia psicológica das funções entre: o pensar, o sentir, o intuir, a sensação, em conformidade com os elementos: o ar, a água, o fogo e a terra. Gaston Bachelard tem um profundo comprometimento com esta nova visão, de uma psicanálise da ecologia humana, onde o ser encontra o seu sentido ontológico pela experiência ambiental e planetária. Através de uma herança pré-socrática, ao invocar os elementos primordiais e definir a eleição de um princípio criador na imagética prototípica da Natureza, pelo plasmar corpóreo na função de cada um dos elementos; “uma lei das quatro imaginações materiais, lei que atribui necessariamente a uma imaginação criadora, um dos quatro elementos: fogo, terra, ar e água. A fisiologia da imaginação, mais ainda que sua anatomia, obedece à lei dos quatro elementos.” (Bachelard G, 1990, p.8).

Urge promover o encontro entre o humano e a natureza (elementos e reinos que a constituem), lugar de criação e contato mitopoético. O humano não vive sem horizontes de símbolos naturais, todavia o conflito e tensão humana está diante do artificial enquanto fuga dos elementos naturais na ausência do orgânico humano que se estabelece pelo intervalo da alternativa de encontro com o natural. A *tecné* na sociedade moderna se apresenta como ruído, obstrução da vida e do próprio sentido pleno e fluídico da *poiésis*. Concordamos com Gaston Bachelard quando afirma: “L’image poétique est une émergence du langage,” (Bachelard G, 1974, p.10). Assim, é preciso criar possibilidades de aplicação da linguagem em um campo de contato e intervenção em meio natural, ambiente e meio biótico social, que favoreça a ecologia do ser enquanto condição *sine qua non* para a natureza da pessoa humana; é preciso sair do impasse da dualidade entre os símbolos da degenerescência e os símbolos da regenerescência para realizar a síntese da essência do Ser. De outro modo, encontramos também em Gaston Bachelard a importância de um retorno da consciência humana para os elementos da natureza, ou ainda, como em Eudoro de Sousa em sua crítica sobre o mundo construído pela realidade humana, afirma o autor; “ele não pode construir o Mundo senão à custa da destruição da Natureza; mas, se a destrói, a si mesmo o destrói. Aí está o trágico, no limite de uma operosidade que não quer saber de limites.” (Sousa E, 2004, pp. 54-55).

Nesta perspectiva, o contexto social e o ambiente natural é a referência para a aplicação da base teórica, a partir da obra de Jung, pela *Vida Simbólica* na via do inconsciente coletivo. A releitura de Bachelard com a proposta dos Quatro Elementos possibilitará a atuação dos arquétipos na ecologia da corporalidade pelos

elementos da natureza no ambiente social. A substancial perda do vínculo tecido com as forças da Natureza e a própria vida, revela a necessidade de reconexão pelo movimento. A persona sendo o principal arquétipo de mediação entre sujeito e as diferentes realidades do mundo, o corpo psíquico, desempenha o papel de *compus* e *corpus* poético enquanto símbolo regulador da Vida, pode atuar na intervenção social com a transmutação do ambiente para e com a Natureza, na recuperação do estado do ser contranatura, mais especificamente da *anima agere* cuja natureza debilitada passa para a *anima retinere* onde a natureza é recuperada. (Aguiar G, 2014, p.155).

De certo modo esta atuação na experiência dos elementos foi vivenciada por Bachelard na manifestação da natureza como podemos evidenciar em sua escrita: “De fato, diante dos espetáculos do fogo, da água, do céu, o devaneio que busca a substância nos aspectos efêmeros não era de modo algum bloqueado pela realidade. Estávamos verdadeiramente diante de um problema da imaginação; trata-se precisamente de sonhar numa substância profunda o fogo tão vivo e tão colorido.” (Bachelard G, 1991, p.2). A sensível vivência deste espectacular fenómeno indelével que regista importantes instâncias arquetípicas entre o consciente e o inconsciente, segue a sua reflexão de autoconhecimento; “tratava-se de imobilizar, diante de uma água fugidia, a substância dessa fluidez; enfim, era preciso, diante de todos os conselhos de leveza que nos dão as brisas e os vãos, imaginar em nós a própria substância dessa leveza, a própria substância da liberdade aérea.” (Bachelard G, *IDEM*).

Uma estrutura arquetípica na criação da poesia inerente a dimensão mais profunda da alma humana, de matrizes prototípicas primordiais da natureza: a sublimação é o dinamismo mais normal do psiquismo, poderemos mostrar que as imagens saem do próprio fundo humano (Bachelard G, 1991, p.3). Gaston Bachelard nos fala

sobre “uma experiência táctil que vem somar-se à observação visual” (Bachelard G, 2002, p.111). É neste sentido que compreendemos nossa temática com a base na substância dos elementos entre a natureza do ambiente e a experiência humana. Trata-se de enveredar pelos caminhos clássicos de investigação do problema da Natureza: desde a cosmologia pré-socrática dos filósofos da Natureza até Schelling e Jung, o tratamento das questões da vida humana entre a natureza, cultura e arte tem sido intentado pela via do idealismo transcendental. Podemos contar com a epistemologia de Gaston Bachelard considerado como um filósofo da natureza da paisagem que aqui trazemos como articulador entre o método científico epistemológico e também artístico pela via da *poiésis* (princípio de criação). Temos algumas referências centrais do idealismo alemão que influenciou Bachelard na escrita de sua obra, encontramos a Arte enquanto noção do Absoluto com base teórica em Schelling e Jung. É importante também destacar a superação da própria ciência a partir da afirmação de Novalis: “O poeta compreende a natureza melhor que o cientista”. (Carvalho M, 2013, p.49). Resgatamos nesta declaração de Novalis toda uma herança arquetípica de Platão e no que diz respeito a cosmologia grega pré-socrática sobre a origem dos elementos em correspondência com a *Physis* (Natureza).

Trazemos algumas combinações essenciais, tais como: criatividade e ecologia, social e ambiental, cultura e na própria natureza; montanha e árvore, mar e horizonte na integração de elementos arquetípicos, como afirma Gaston Bachelard: “de nossas lembranças inconscientes, no mar azul ou na montanha verde”. (Bachelard G, 2016, p.120).

Chegaremos aos aspectos culturais e naturais do *Ethos* humano? Qual a condição humana que se estabelece diante da necessidade de viver na cidade? E longe dela? E próximo da natureza?

Como compreender a atitude e a conduta da pessoa no espaço vazio? Nalgum ambiente? E diante da paisagem? Da própria natureza, reinos e elementos que a constituem?

Priorizamos a trajetória de um caminho que demonstre a evidência do simbólico e do ecológico paisagem natural, ou de outro modo, na própria natureza; montanha, árvore, mar, horizonte. Nesta busca de integração da vida humana mais próxima da natureza é que passamos a descrever algumas passagens que a obra Bachelardiana revela a partir dos elementos. Na obra *A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaaios sobre a imaginação das Forças* após indagar sobre a natureza da substância de todos os elementos Bachelard evidencia a importância do elemento terra: “com a substância da terra, a matéria traz tantas experiências positivas, a forma é tão manifesta, tão evidente, tão real, que não se vê claramente como se pode dar corpo a devaneios relativos à intimidade da matéria.” (Bachelard G, 1991, p.2). O autor percorre dimensões da subjetividade e da objetividade até chegar ao caminho de acolhimento, repouso e intimidade, o encontro com o arquétipo da *ânima*, com a própria natureza? “as grandes imagens do refúgio: a casa, o ventre, a gruta. Encontramos uma oportunidade para apresentar, de uma forma simples, a lei da isomorfia das imagens da profundidade” (Bachelard G, 1991, pp.10-11).

É nesta busca e diálogo com a natureza que Bachelard trata do elemento terra no reino vegetal, com as suas raízes, e da robustez pela experiência solidificada: “para bem compreender o seu papel, é preciso, pelo menos uma vez na vida, ter amado uma árvore majestosa, ter sentido agir o seu conselho de solidez.” (Bachelard G, 1991, p.56). É nesta solidez que a episteme bachelardiana traz como complemento fundamental a poesia: “reanimar uma linguagem criando novas imagens, esta é a função da literatura e da poesia.” (Bachelard G, 1991, p.4).

O ato de vontade e sonho realizado revela a ligação das funções psíquicas na aproximação dos elementos: “Nesse onirismo ativo estão unidas as duas grandes funções psíquicas: imaginação e vontade.” (Bachelard G, 1991, p.40). A paisagem se torna fundamental para o sentido da vida, as funções psíquicas e os elementos da natureza criam um mesmo *compus* e *corpus* integrativo, naquilo que está mais alto relativo ao ar e ao céu, ou o mais baixo, no que concerne a terra, a montanha e demais matérias densas, como esclarece o autor: “Parece assim que, numa espécie de diálogo entre rochedos e nuvens o céu vem imitar a terra. A rocha e a nuvem completam-se uma à outra.” (Bachelard G, 1991, p. 149).

É no elemento ar que fica mais clara a fluidez e dinâmica dos elementos, ultrapassando-os até chegar ao quinto elemento unificador: “Parece que o ser voante ultrapassa a própria atmosfera em que voa; que um éter se oferece sempre para transcender o ar; que um absoluto completa a consciência de nossa liberdade” (Bachelard G, 1990, p. 8). Traz também um sentido amplo, remete-nos ao estado do ambiente na paisagem em meio aberto: “o ar natural é o ar livre”. Liberdade e movimento que nutre com alento toda a realidade visível por uma natureza do espírito invisível: “o dinamismo aéreo é antes um dinamismo do sopro brando”. (Bachelard G, 1990, p. 17). Esta inter-troca nutridora e constante que proporciona o elemento ar e flui no alento da respiração do corpo até a substancial natureza anímica da imaginação.

Tratamos agora do elemento fogo, em Bachelard a psicanálise do fogo é de uma origem propulsora e corpórea: “o fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sob as profundezas da substância e se oferece como um amor.” (Bachelard G, 1972, p. 22). Um fogo que ilumina o sentimento humano. É central a concepção de um fogo que alimenta a alma;

“o devaneio diante do fogo, o doce devaneio consciente de seu bem-estar, é o mais naturalmente centrado.” (Bachelard G, 1972, p. 23).

Contemplativo, facilmente é possível imaginar um fogo vivo e visceral, na silenciosa intimidade dos movimentos das brandas labaredas incandescentes, lambem a madeira em línguas de fogo que provam o tronco nu do vegetal em lume vivo; “do fogo calmo, regular, dominado, onde a grossa lenha queima em pequenas chamas. É um fenómeno monótono e brilhante, verdadeiramente total: ele fala e voa, ele canta.” Pensa-se num fogo de sentido universal e cosmogónico, de iluminação solar, ou ainda, de natureza lunar, de luzes noturnas: “O devaneio opera como estrela. Retorna ao seu centro para emitir novos raios.” (Bachelard G, *Idem*). É nesta ampliação da consciência que Bachelard traz a sua visão de infinitude e princípio de autocriação eterna. Encontramos nesta temática *Arquétipos da Ecologia do Ser* uma proposta de meditação, reflexão profunda da natureza humana, sentido, busca e encontro com elementos vivos que ganham significado para a existência, não somente humana, mas também de todos os reinos e elementos que constituem o Planeta e a própria Natureza. Eis o compromisso do verdadeiro modo de ser e viver, um caminho de vanguarda que prevê a possibilidade de um outro mundo, tecendo e co-criando o novo *Ethos* na ecologia pessoal, social e planetária, na resignificação dos ecossistemas ao natural do humano.

## REFERÊNCIAS

---

- AGUIAR, GIANCARLO. Tese de Doutorado, O Desvela da Categoria Transpessoal, uma Visão para a Filosofia, a Psicologia e a Mitologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Filosofia, 2016.
- AGUIAR, GIANCARLO. Dissertação de Mestrado, Elementos Transpessoais na Consciência da Natureza Humana, Uma investigação da Ecologia Transdisciplinar nas Teorias de Pierre Weil e Leonardo Boff, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Filosofia, 2010.
- BACHELARD, GASTON. A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antonio de Pádua Danesi. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2002.
- BACHELARD, GASTON. A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a imaginação das Forças. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1991.
- BACHELARD, GASTON. O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento, Editora Martins Fontes, São Paulo. 1990.
- BACHELARD, GASTON. A Psicanálise do Fogo. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1972.
- BACHELARD, GASTON. A Poética do Espaço. Tradução Antonio de Pádua Danesi. Editora Martins Fontes, São Paulo. 2008.
- BACHELARD, GASTON. A Formação do Espírito Científico. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro. 1999.
- BACHELARD, GASTON. O Novo Espírito Científico. Tradução Juvenal Hahne Júnior. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1990.
- BACHELARD, GASTON. Epistemologia, Zahar editores, Rio de Janeiro. 1983.



BACHELARD, GASTON. L'eau et les rêves, librairie José Corti, 1942.

BACHELARD, GASTON. L'air et les songes. Essai sur l'imagination du mouvement, Presses Universitaires de France, 1943.

BACHELARD, GASTON. Le nouvel Esprit Scientifique, Presses Universitaires de France, Paris, 1934.

BACHELARD, GASTON. Epistémologie, Presses Universitaires de France, Paris, 1971.

BACHELARD, GASTON. La poétique de l'espace, Presses Universitaires de France, Paris, 1974.

BOFF, LEONARDO. Ecologia, Mundialização, Espiritualidade, 3ª edição, Petrópolis, Ed. Ática, 2000.

BOFF, LEONARDO, RIBEIRO, LÚCIA. Masculino / Feminino, Experiências Vividas, Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Record, 2007.

WUNENBURGER, JEAN-JACQUES. Da imaginação material à geopoética em Gaston Bachelard. In : Ribeiro, S.M.P. E ARAÚJO, A.F. (ORGS.) Paisagem, Imaginário e Narratividade. Olhares transdisciplinares e novas interrogações da Psicologia Social. São Paulo, Zagodoni Editora, 2015 (p. 1-30).

JUNG, CARL GUSTAV. Zwei Schriften über Analytische Psychologie. Das Persönliche Und Das Überpersönliche Oder Kollektive Unbewusste. Rascher Verlag. Zürich. 1964.

JUNG, CARL GUSTAV. Psychologische Typen. Rascher Verlag. Zürich, 1960.

JUNG, CARL GUSTAV. Die Archetypus und das Kollektive. Walter-Verlag. Zürich. 1976.

JUNG, CARL GUSTAV. Estudos Sobre Psicologia Analítica. Obra Completa. vol. VII. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1978.

## Capítulo 27

---

JUNG, CARL GUSTAV. Tipos Psicológicos. Tradução Álvaro Cabral. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro.1971.

JUNG, CARL GUSTAV. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Volume IX/1. Obra Completa, Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro. 2007.

SOUSA, EUDORO. Dioniso em Creta, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000.

SOUSA, EUDORO. Mitologia História e Mito, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2004.

Capítulo 27

---

Arquétipos da Ecologia do Ser  
Giancarlo de Aguiar

